



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

DAVID ASSAD BAAKLINI

METAFÍSICA DA MÚSICA EM SCHOPENHAUER:
A EXPRESSÃO DA VONTADE

CUIABÁ

2022

DAVID ASSAD BAAKLINI

METAFÍSICA DA MÚSICA EM SCHOPENHAUER:

A EXPRESSÃO DA VONTADE

Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Departamento de Filosofia da
Universidade Federal de Mato Grosso.

Orientador: Professor Walter Gomide

CUIABÁ

2022

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
INTRODUÇÃO.....	4
CAPITULO I.....	6
1.1 MUNDO DAS COISAS TEMPORAIS.....	7
1.2 MUNDO DAS ESSENCIAS.....	7
1.3 MÚSICA SEGUNDO PLATÃO.....	8
CAPITULO II.....	9
2.1 FENÔMENO.....	11
2.2 COISA EM SI.....	13
3 CAPITULO III.....	14
3.1 A VONTADE.....	17
3.2 A REPRESENTAÇÃO.....	18
3.3 A INFLUÊNCIA DE SCHOPENHAUER NAS OBRAS DE R. WAGNER.....	19
3.4 HIERARQUIA DAS ARTES.....	20
CONSIDERAÇÃO FINAL.....	21
BIBLIOGRAFIA.....	22

RESUMO

O presente texto tem a intenção de estudar a música como objeto teórico na visão de Schopenhauer. Para isso, teremos de entender qual caminho que o autor tomou para chegar a suas conclusões e assim embasarmos à conclusão presente nesta monografia.

Apesar do próprio filósofo Arthur Schopenhauer se declarar platônico e kantiano, existem diferenças basilares entre a sua linha de pensamento e entre as doutrinas de Platão e de Kant. Para Platão, o *Mundo das Idéias* reside na atemporalidade e consiste na perfeição das coisas metafisicamente consideradas, sendo o mundo físico uma cópia temporal e imperfeita desse mundo ideal. Na visão de Kant, o conhecimento limita-se aos *Fenômenos*, opondo-se ao conhecimento do real, ou da *Coisa em Si*.

Schopenhauer apresenta a obra *O Mundo Como Vontade e Representação*. Nessa obra, Schopenhauer expõe uma teoria filosófica que serviria como um elemento conciliador entre as filosofias de Platão e de Kant. Para tanto, ele, Schopenhauer, cria um novo conceito, inspirado nas doutrinas budista e hinduísta, a partir do qual seria possível uma explicação para o sofrimento presente no mundo – a *Vontade*. Para Schopenhauer, a *Vontade* é a parte metafísica, e a representação é a parte física (a *Vontade* sendo a “o fundamento” da representação: *grosso modo*, a *Vontade* “cria” a representação)

Segundo Schopenhauer, a dor e a tristeza do ser humano só podem cessar através da arte, e ele, Schopenhauer, elenca a arte por graus de capacidade de apresentar a *Vontade* de forma simbólica, sendo a música, por ser a arte mais capaz de simbolicamente apresentar a *Vontade*, a arte mais sublime.

A música é o movimento da *Vontade* que mais se aproxima da *Coisa em si*, a *Vontade* pura, aquela não é guiada por *Fenômenos*, imagens ou *Representação*.

Esta monografia pretende entender a *Vontade* como o fundamento do mundo fenomênico, sendo a música a via de apresentação desse fundamento.

Palavras chave: Metafísica, Vontade, Representação, Artes e Música.

INTRODUÇÃO

No livro *O Mundo Como Vontade e Representação*, no capítulo III, Schopenhauer descreve a música como uma *Vontade* sem representação física, sendo ela uma representação subjetiva e não estática, posto que todas as demais artes são representadas por objetos definidos.

A *Representação* da música é a própria música, e o objeto da representação está no sujeito afetado pela mesma, não podendo a música ter apenas um significado objetivo, mas sim uma multiplicidade de significados e sentidos que estão amalgamados na vida representacional do sujeito.

A música transita na metafísica, pois sua representação não se faz por conta dos deslocamentos de partículas vibracionais, mas pelo impacto que ela causa na alma (*Psiquê*) e reverbera no indivíduo tanto internamente quanto no seu corpo físico, uma vez que ele pode alegrar-se, entristecer-se, desejar mexer o corpo (dançar), estimular nos estudos, acalmar, irritar, entre outras coisas que a música é capaz de realizar no indivíduo.

Por conta dessa capacidade, é bem provável que a música tenha uma *Representação* oriunda da *Vontade* individual e multiforme no sujeito, e não nela mesma, pois a *Vontade* pura é a música, e a *Representação* dela só pode estar no indivíduo que representa suas necessidades nela.

Se consideramos uma estátua, é evidente o que ela representa: seus traços e sua forma; ao olhar para uma paisagem, é possível ver traços definidos, podendo ser mudados pelo tempo, mas mesmo assim definidos; um quadro tem forma definida e bem representada, mesmo com suas abstrações, ou seja, toda arte representa formas definidas; a música, não.

O indivíduo pode não saber absolutamente nada de música e ainda assim distinguir uma música da outra, pela melodia, harmonia e ritmo, os sons dos instrumentos, pelo timbre e entender qual dos mais variados estilos o afeta mais ou menos.

A música tem caráter universal, pois não é conhecida nenhuma sociedade, por menor que seja, que não tenha música, pois a música faz parte da humanidade, e é impossível desassociar a humanidade da música.

Schopenhauer tem como base a música erudita, pois estamos falando de alguém que viveu entre os séculos XVIII e XIX, alguém oriundo de uma família abastada e, portanto, conhecedor desse mundo erudito. Mas, e nos dias atuais, poderia ser outro tipo de *Música*, ou somente a erudita? Embora seja interessante, não vamos nos ater em tais meandros.

As músicas demonstram ter uma certa capacidade de "invocação de imagens e sentimentos", algo muito parecido com o que Schopenhauer deixava a entender, ao intitular a música como *Vontade Pura*, a colocando em grau superior às demais artes.

Apesar de termos músicas destinadas para momentos, algo muito parecido com o que Platão sugere, tendo música para a formação de bons cidadãos e música para os guardiões das pólis, tal ideia deixaria a música engessada, ela deixaria de ser o que Schopenhauer dava a entender. Nos tempos de Platão, a música era considerada, em termos funcionais, como catártica, ou seja, liberadora de repressão e purificação, deixando o corpo em equilíbrio harmônico para ter um contato mais próximo das divindades.

A poesia imita a ação humana, a música por sua vez imitava a parte imaterial, a saber, a alma. A cada estilo musical específico, o ouvinte dava uma significação, ou seja, já havia uma significação para cada música na mente do ouvinte. Então seria uma representação estabelecida, e isso não é o que sugere Schopenhauer.

A música pode ter suas especificidades, mas ela atua em cada indivíduo de forma diferente, e a mesma música que faz uma pessoa chorar em um dia, pode fazê-la sorrir no dia seguinte, portanto ela não tem um caráter representativo definitivo.

A música é subjetiva na sua *Representação*, ela pode ter um significado para cada ouvinte, de maneira múltipla e também o mesmo ouvinte dela a ressignifique em outra ocasião, em outro lugar, em outra circunstância, pois ela representa aquilo que seu ouvinte quer ou precisa no momento.

É observável que existam ambientes propícios a um determinado tipo de música, porém isso está associado às circunstâncias e referências do local em si, mas isso não diz respeito à música, e sim ao local e suas liturgias.

Fazendo uma análise final sobre o *idealismo platônico* de que a música é categorizada e tem função específica, é possível fazer uma reflexão sobre o que era intitulado na idade média cristã como algo sagrado e algo profano, hoje já não vemos essa distância, pois músicas cristãs são cantadas em rádios convencionais, emissoras de TVs, consideradas, até pouco tempo como profanas e tendo efeito similar aos frequentadores de templos.

Analisando a música em um sentido subjetivo, ela não se engessa-se a determinados significados, ela tem caráter livre, livre até da poesia que lhe é inserida, pois ela tem fim e caráter em si mesma, como vontade pura e de representação sugerida pelo ouvinte.

CAPÍTULO PRIMEIRO:

1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE PLATÃO E O MUNDO DAS IDÉIAS

Platão teve sua filosofia norteadada pela visão *dualista* que consiste no postulado da existência de uma realidade superior ao mundo sensível, sendo essa realidade denominada por ele como *Mundo das Idéias*.

Platão fazia uma analogia de sua filosofia como duas navegações: a primeira consistia na filosofia dos *pré-socráticos*, sendo essa uma filosofia naturalista, que levava em conta a natureza para explicar o mundo com elementos físicos (ar, água, terra, fogo e etc.) e forças físicas que estariam ligadas a tais elementos; a segunda navegação consistia em entender as naturezas físicas e humanas a partir de pressupostos *metafísicos* atemporais e eternos (na *segunda navegação*, a preocupação com os fundamentos naturais da realidade cessa, se não de forma absoluta, de maneira considerável).

Segundo Platão, em sua doutrina esotérica abordada por filósofos da escola de *Tübingen*, o *Uno* é a entidade *transcendental* e suprema, de onde todas as coisas são originárias. Ao lado do *Uno*, temos a *Díade*: um princípio de indeterminação que, por assim dizer, mediriam o quão afastados as formas e os objetos estariam do *Uno*. Dessa régua ou “distância”, pares *dialéticos* de comparação, como o “muito” e o “pouco”, o “grande” e o “pequeno”, teriam sua origem.

No diálogo *Timeu*, Platão também postula a existência de um *Demiurgo*, ou seja, um *Deus artífice* que molda o mundo sensível a partir das formas ideais da matéria (os triângulos “perfeitos”).

Segunda a concepção *platônica*, o mundo é apenas “uma sombra do mundo real”, e isso ele expressou em “*O Mito da Caverna*”, deixando claro sua tese sobre as existências de um mundo perfeito e um mundo imperfeito que é apenas sombras do que é perfeito e eterno. Platão confere ao mundo sensível o estatuto de cópia imperfeita da realidade ideal. Conforme Reale nos diz:

O mundo inteligível resulta da cooperação bipolar imediata dos dois Princípios supremos; o *mundo sensível*, ao contrário, tem necessidade de um mediador, de um *Deus-artífice* que Platão chama de “*Demiurgo*”; este cria o mundo animado pela bondade: toma como modelo as *Idéias* a partir das quais o *Demiurgo* plasma a chora, isto é, o receptáculo material informe. *Demiurgo* procura descer na realidade física os modelos do cosmo mundo ideal, em função das figuras geométricas e dos números (REALE. 2007, Pág.155)

1.1 MUNDO DAS COISAS TEMPORAIS

O *mundo sensível* é compreendido como o *mundo da corporeidade*, contingente e corruptível, domínio da mudança, da diversidade e das aparências.

Platão tem o *mundo sensível* como *mímese* do mundo inteligível que é o *arquétipo* (modelo) com que são formadas as coisas do *mundo sensível*, sendo o *Demiurgo* (*Deus artífice*) responsável pelas impressões das formas ideais (*triângulos "ideais"*) na matéria amorfa, uma espécie de "oleiro" que dá forma para tudo com que podemos, através dos sentidos, interagir e vermos como uma realidade sensível, porém desprovida da verdadeira realidade, a saber, as ideias.

1.2 MUNDO DAS ESSÊNCIAS

O *mundo das essências* ou *mundo das idéias* é, segundo Platão, a realidade eterna, a plena verdade, a causa de todas as coisas.

Em sua *ontologia*, o *Uno* é a causa inicial de todas as coisas, tanto as atemporais e eternas, quanto as temporais e contingentes, sendo a *Diade* uma espécie de agente limitador, e o *Demiurgo* (*Deus artífice*) o modelador de tudo, dando formas múltiplas, porém definida das coisas.

Platão voltou seus olhos para o *mundo inteligível* onde ele dizia ter o verdadeiro conhecimento das coisas que explicavam o *mundo sensível*. O papel pedagógico desta filosofia é suscitar uma ascensão ao mundo das essências através da *Dialética*, o método intelectual baseado na percepção de contrários, de tal forma que, das imperfeições observadas no *mundo sensível*, a inteligência humana possa chegar às essências atemporais e perfeitas.

Do *mundo sensível*, mediante a "segunda navegação", ascendemos ao *mundo inteligível*, que representa sua "verdadeira causa". Ora, compreendida a estrutura do *mundo inteligível*, é possível compreender melhor a gênese e a estrutura do *mundo sensível*. Assim como o *mundo inteligível* deriva do *Uno*, que desempenha a função de princípio formal, e da *Diade* indeterminada, que funciona como princípio material (*inteligível*), também o mundo físico deriva das *Idéias*, que funcionam como princípio formal, e de um princípio material, sensível, ou seja, de um princípio ilimitado e indeterminado de caráter físico. (REALE. 2007, Pág.137)

1.3 A MÚSICA SEGUNDO PLATÃO

Como são notórias, as principais ou mais conhecidas obras de Platão são dialogais, e *A Republica* é um exemplo dessa maneira de expressão da doutrina *platônica*.

No livro *A Republica*, no segundo livro, a discussão central é sobre a justiça, passando pela educação de um bom cidadão para as “*polis*” (cidades) e como seria essa educação.

Sócrates sugere que a ginástica educaria e cuidaria da saúde do corpo, e a *música* seria a educação da alma.

Podemos analisar um caráter *dualista* nessas afirmações, pois se assemelha a uma distinção evidente entre o *Mundo Sensível* e o *Mundo das Idéias*, sendo o corpo aferido e esculpido pela ginástica, e a alma sublimada pela *Música*, ponderando Platão que ...então que educação há de ser? Será difícil achar uma que seja melhor do que a encontrada ao longo dos anos – a ginástica para o corpo e a *Música* para a alma... (PLATÃO, 2005, pag.55)

Partindo desse pressuposto que a música *modela* a alma, temo-la como *metafísica*, pois somente algo que está além da física poderia ter tal conexão com a alma; o corpo é físico e não conhecedor do *mundo das idéias*, e a alma é *metafísica* e conhece o *mundo das idéias* - a *música* faz conexão com esse mundo das realidades ideais. É o que parece!

Segundo essa linha de raciocínio, é possível afirmar que algo do *Mundo das Idéias* nos é revelado pela *Música*!

CAPÍTULO SEGUNDO:

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA DE KANT

CRÍTICAS DA RAZÃO PURA

Kant, filósofo alemão do século XVIII publica o livro *Crítica da Razão Pura*, no ano de 1781, com o intuito de dar uma fundamentação filosófica à possibilidade de obtenção de conhecimento.

Kant chama sua tese de “*revolução copernicana*”, fazendo uma analogia ao astrônomo Nicolau Copérnico que cria a *teoria heliocêntrica*, teoria essa que afirma que os corpos celestes gravitam em torno do Sol, substituindo assim a *teoria ptolomaica* e *aristotélica geocêntrica* que consistia na crença da terra estar fixa e todos os corpos celestes, incluindo o Sol, girando em torno da Terra.

A revolução operada no campo do conhecimento foi de suma importância para a ciência, pois ao invés da investigação ser pautada em observar a natureza como um “livro aberto” pronto para ser lido, as coisas naturais foram vistas como temas de metódica investigação, forçando o pesquisador a inquirir, de forma geralmente matemática e com protocolos de laboratório, a natureza a fim de que essa dê respostas adequadas no curso das investigações científicas

A teoria de Kant consistia em inverter a forma com que o homem se relacionava com o conhecimento, ou seja, ao invés da natureza ou mundo se apresentar ao intelecto humano de forma objetiva, de tal forma que sua estrutura inteligível seja captada de maneira “espontânea” pela razão, Kant propõe que a razão humana dispõe de aparatos *a priori* pelos quais o mundo é intuído: tudo que podemos conhecer sobre o mundo (*os fenômenos*) está dado *nas formas e categorias a priori* da razão humana e, para além dessa inserção dos objetos nesse aparato epistêmico da razão, nada podemos conhecer através da razão teórica. Sendo assim, as leis que regem os *fenômenos* não mais estariam nas coisas e no mundo, e sim nas faculdades da *razão de natureza transcendental*

A filosofia *kantiana* sintetiza em sua obra a função da razão: não se iludir por crenças ou por vertentes ideológicas, construindo uma razão autônoma por meio de *fundamentos transcendentais*.

O objetivo de Kant era saber em que condições o conhecimento era possível, se havia um modo de conhecer a essência das coisas. Ele então formula duas formas de conhecimento possível, a saber:

- 1) Conhecimento empírico *a posteriori*: *posterior* a experiência, conhecimento formado pela experiência. Exemplo: *este cavalo é branco*.
- 2) Conhecimento *a priori*: não depende do campo *empírico*, não sendo necessário o uso da experiência, desenvolvido por uma operação formal lógica e *transcendental*. Exemplos de conhecimento *a priori*: dois mais dois é igual a quatro, ou duas linhas paralelas não se cruzam. Esses conhecimentos são chamados por Kant de universais e necessários.

Existem duas classes de *juízos*, o *analítico* e o *sintético*. No *analítico* o predicado faz parte da essência do sujeito. Um exemplo: o *triângulo equilátero* tem três lados iguais. No *juízo sintético*, o predicado não está dentro do sujeito, porém acrescenta algo novo ao conhecimento: o predicado que está sendo atribuído ao sujeito. Exemplo: “os corpos celestes se movimentam”. Por mais que se analise o sujeito “corpos celestes” não é possível, dessa análise, derivar o predicado “se movimentam”.

Para Kant, o *juízo analítico* é necessário, mas de pouco valor, pois apenas explica o que já se faz explícito na relação sujeito e predicado.

O *juízo sintético a posteriori* está ligado a certo tipo de *empirismo* primitivo ou espontâneo, caracterizando-o típico juízo da experiência contingente com a qual temos contato de forma cotidiana.

O *juízo sintético a priori* não se limita ao campo empírico: a matemática, entendida como geometria euclidiana e aritmética elementar, e a física trabalha com juízos sintéticos *a priori*.

Segundo Kant, o conhecimento é o resultado de uma síntese entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Desta forma torna-se impossível conhecer as coisas em sua essência, ou seja, a *Coisa em Si*, pois o nosso conhecimento apenas se dá através de percepções representativas.

Kant afirma que apenas podemos conhecer os *Fenômenos*, os objetos tais como eles apresentados em formas representativas para o sujeito, não como os objetos em essência são em si mesmos.

A síntese do conhecimento é apenas uma projeção em partes da memória, a partir das formas *a priori*, através do espaço e tempo, sendo assim um conhecimento por formas representativas da ação do sujeito.

Segundo Kant, a experiência com o mundo é limitada pela *Razão Pura*, não nos deixando conhecer a *Coisa em Si*, apenas permitindo conhecer o *Fenômeno*.

A *Razão*, tendo por um lado os seus princípios, únicos a poderem dar aos *Fenômenos* concordantes a autoridade de leis e, por outro, a experimentação, que imaginou segundo esses princípios, deve ir ao encontro da natureza, para ser por esta ensinada, é certo, mas não na qualidade de aluno que aceita tudo o que o mestre afirma, antes na de juiz investido nas suas funções, que obriga as testemunhas a responder aos quesitos que lhes apresenta. (KANT, 2001, pág.44)

2.1 FENÔMENO

Kant afirma, no livro *Critica da Razão Pura*, na *Estética Transcendental*, que a sensibilidade é a faculdade da intuição, ou seja, os objetos são apreendidos pelo sujeito cognoscente, e essa apreensão fornecem “*intuições puras*” e “*intuições empíricas*”.

A sensibilidade, no conceito de Kant, é o “*start*” para o conhecimento: em suma, o objeto em questão chega ao sujeito através dos sentidos, onde o sujeito *cognoscente* reflete sobre o objeto, adquirindo, pela experiência, um conhecimento representacional dos objetos do mundo

Dois elementos nos fazem distinguir um objeto do outro: um é passivo, é a impressão que a matéria deixa no *sujeito concernente* ao objeto; a outra é ativa, uma vez que pressupõe a ação das categorias da *Razão* a fim de organizar as dadas sensórias em tipos e conceitos lógicos de origem *transcendental*.

Segundo Kant, o conhecimento do objeto da experiência se dá apenas no espaço e tempo, sendo o espaço e o tempo, formas *a priori* da sensibilidade.

O tempo é uma percepção interna, pois só é possível conceber a existência, relacionando o sujeito em um estado temporal, ou seja, passado, presente e futuro. Tudo que conhecemos pode deixar de existir, porém é impossível que sua duração não passe pelo tempo entre existir e deixar de existir.

Segundo essa tese, concluímos então que os objetos só podem ser conhecidos externamente em uma ordem espacial e internamente em ordem temporal.

Designa-se por *Fenômeno* o objeto indeterminado da intuição. Nele se distingue a matéria (correspondente à sensação, aos múltiplos dados sensoriais) e a forma, que ordena as matérias segundo diferentes modos e perspectivas. (KANT, 2001, pág.12)

Tanto o espaço quanto o tempo são *a priori* e universais, pois preexistem como faculdades do sujeito. Segundo Kant, o espaço e tempo são atributos da razão humana, sendo o que traz essa relação entre o mental e sensível, possibilitando assim a experiência.

De acordo com Kant, o *Fenômeno* só pode ser pensado dentro da perspectiva das categorias, sendo elas:

Quantidade: unidade, pluralidade e totalidade.

Qualidade: realidade, negação, limitação.

Relação: inerência e substancia (*substantia et accidens*), causalidade e dependência (causa e efeito), comunidade (ação recíproca entre agente e paciente)

Modalidade: possibilidade e impossibilidade; existência e não existência, necessidade e contingência.

Kant afirma que as categorias são conceitos *a priori*, ou seja, que antecedem a experiência, sendo assim possível organizar no espaço e tempo os múltiplos objetos, permitindo com isso desenvolver a experiência e assim o conhecimento dos fenômenos.

Ora, toda a intuição possível para nós é sensível (*estética*) e, assim, o pensamento de um objeto em geral só pode converter-se em nós em um conhecimento, por meio de um conceito puro do entendimento, na medida em que este conceito se refere a objetos dos sentidos. A intuição sensível ou é intuição pura (espaço e tempo) ou intuição empírica daquilo que, pela sensação, é imediatamente representado como real, no espaço e no tempo. Pela determinação da primeira, podemos adquirir conhecimentos *a priori* de objetos (na matemática), mas só segundo a sua forma, como Fenômenos; se pode haver coisas que tenham de ser intuídas sob esta forma é o que aí ainda não fica decidido. (KANT, 2001, pág. 171 & 172)

2.2 COISA EM SI

No pensamento *kantiano*, a *Coisa em Si* é algo que deriva da tese de que há coisas que existem, porém não podem ser experimentadas pelo sujeito, por conta do sujeito não as intuir. Segundo Kant a *Coisa em Si* existe como essência e por si própria, não dependendo da afecção do sujeito ou sua percepção.

Númeno ou Nouméno: o termo *Númeno* expressa a *Coisa em Si*, sendo ele uma existência pura, independentemente de qualquer representação *fenomênica*. O *Númeno* é a realidade em si mesmo, não precisando de uma perspectiva subjetiva do sujeito em virtude do conhecimento.

O *Númeno*, por ser real, não passa pela subjetividade das formas dos *Fenômenos*, equivalendo ao real absoluto que não necessita da percepção do sujeito.

Em suma, o *númeno* é apreendido pelo pensamento, sendo ele a realidade em si mesma, ou *Coisa em Si*, independentemente de ser um objeto conhecido ou ter relação com o conhecimento; é algo apenas pensado: uma grande incógnita, um grande *X* de aspecto indeterminado. Ele está em antagonismo com o *Fenômeno*, pois esse é o aparecimento de algo aos sentidos.

Embora seja sugerido por Kant que saibamos da existência de um mundo *Numenal*, em virtude de a sensibilidade humana ser receptiva, ele não postula que esse *Númeno* possa ser acessado de forma empírica, portanto, a ordem numenal permanece longe do nosso conhecimento empírico.

Para Kant, como já vimos na questão anterior, o *Númeno* não entra nas categorias, pois essas são aplicáveis somente em relação ao *Fenômeno*.

Como, porém, tal intuição, isto é, a intuição intelectual, está totalmente fora do alcance da nossa faculdade de conhecer, a aplicação das categorias não pode transpor a fronteira dos objetos da experiência; aos seres dos sentidos correspondem, é certo, seres do entendimento e pode também haver seres do entendimento, com os quais a nossa capacidade de intuição sensível não tenha qualquer relação; mas os nossos conceitos do entendimento, enquanto simples formas de pensamento para a nossa intuição sensível, não ultrapassam esta; aquilo que denominamos *númeno* deverá, pois, como tal, ser entendido apenas em sentido negativo. (KANT, 2001, pág. 285)

CAPÍTULO TERCEIRO.

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE METAFÍSICA DA MÚSICA EM SCHOPENHAUER.

Esse capítulo, praticamente é o cerne da idéia que pretende ser desenvolvida na monografia e se destina a algumas observações sobre a *Metafísica da Música* em Schopenhauer

Como visto nos capítulos anteriores, o *Mundo das Ideias*, segundo Platão, consiste em um lugar em que tudo existe de forma atemporal e com perfeição, portanto, *grosso modo*, temos que o mundo físico ou temporal seria apenas uma mimese, ou seja, uma imitação, no mundo sensível, daquilo que é perfeito e que existe idealmente. Para Kant, só podemos conhecer as coisas como elas aparecem em nossas mentes, pois o sensível são apenas *Fenômenos* das nossas percepções, sem podermos ter acesso à *Coisa em Si* ou a essências das coisas.

Schopenhauer, para dar uma solução a essas questões, inaugurou o *Mundo Como Vontade e Representação*, sendo a *Vontade* a parte *Metafísica* que redonda na *Representação* que é sensível.

Aparentemente todas as três doutrinas têm algo em comum: todas são *dualistas*. Porém Schopenhauer descreve a *Vontade* como sendo a responsável pela *Representação*, ou seja: tudo que é sensível, seja uma obra humana ou entes naturais não criados pela inteligência humana, começa de uma forma *Metafísica* e passa a ser física a partir da sua *Representação*.

O mundo inteiro dos objetos é e permanece *Representação*, e precisamente por isso é, sem exceção e em toda a eternidade, condicionado pelo sujeito, ou seja, possui *idealidade transcendental*. Desta perspectiva não é uma mentira nem uma ilusão. Ele se oferece como é, como *Representação*, e em verdade como uma série de representações cujo vínculo comum é o princípio de *Razão*. (SCHOPENHAUER, 2005, pág. 57)

Assim, podemos chegar à *Música* e entender sua *Metafísica*, observando a tese de Schopenhauer de que a *Pura Vontade* não pode ser materializada em nenhum *Fenômeno* sensível que está sob o domínio da causalidade mecanicista ou determinística.

Ele diz que a arte é uma cessação do sofrer, através da contemplação, e que a *Música* supera todas por ser a *Vontade pura*.

Partindo dessa tese de Schopenhauer de que a *Música* é a própria *Vontade* materializada em um campo *fenomênico* não suscetível à causalidade mecanicista ou

determinística, podemos postular que a *Música* transforma os estados afetivos de alguém por conta de seus componentes *metafísicos*: a *Música* atuaria em um ser humano sob o prisma da causalidade *Metafísica*.

A idéia principal desse estudo é saber se a *Música* é ou não é um instrumento de afecção no sujeito e qual o grau de abstração e *Representação* ele pode ter.

Se apenas restringirmos a música para a época do autor, veremos que as obras de grandes compositores de *Música Erudita* exaure as manifestações *pseudo-fenômicas* da *Vontade*. Porém, se trouxermos a *Música* para nossa época e pensarmos nela não somente como algo que conforta nossas vidas, mas que tem influência na vida sensível, teremos um campo maior para atuarmos; e é nesse sentido que esse estudo será conduzido.

Alguns autores que estão ligados diretamente a *Música*, apresentam essa concepção em relação ao sujeito e a *Música*, é o caso de Stewart.

Os sistemas musicais metafísicos ou psíquicos oferecem um método operacional alternativo, no qual as reações físicas diretas que se experimentam diante da *Música* são monitoradas e orientadas por uma analogia interna e não por regras externas "comprovadas" ou por experimentos. Ao utilizar esse método, conseguimos também nos afastar de alguns aspectos mais vulgares ou destrutivos da pesquisa musical, como as perigosas frequências usadas para induzir reações físicas resultantes de uma estimulação sônica da atividade cerebral. (STEWART, 1987, Pág.31)

A mesma *Música* que faz sentido para uma pessoa pode ter seu sentido completamente alterado para outra, isso se levarmos em conta várias variáveis, como local, momento, circunstâncias, época, entre outras coisas.

Uma *Música* pode ser um gatilho para um grande amor, para lembranças felizes ou tristes; pode demonstrar desejos, pode trazer paz ou raiva; e isso tudo em apenas uma *Música*; e é nesse momento que podemos ter a noção da sua *Metafísica* e como ela pode afetar e moldar a *Representação* daquilo que a própria *Música* expressa: o próprio autor da *Música* pode ter tentado expressar algo que foi completamente modificado pela audição das pessoas que as ouvem.

A *Música* por ser, segundo Schopenhauer, a pura vontade, abre espaço para se adaptar ao campo representacional de cada ouvinte: fica a critério do ouvinte associar à *Música* essa ou aquela *Representação* e, sendo assim, a *Representação* sempre será multiforme, não tendo um padrão definido.

A *Música* está presente na sociedade desde épocas remotas.

Em 2009 a BBC fez uma matéria sobre o descobrimento de uma flauta feita em osso, e datada de 35 mil anos, sendo ela o mais antigo instrumento musical já encontrado. Mas é

sabido que a *Música* está presente a muito mais tempo, pois existem desenhos rupestres em cavernas que apontam para a musicalidade dos nossos ancestrais.

Ela não poderia ficar fora de um debate filosófico, pois permeia toda raça humana e é de grande importância para nossa identidade enquanto humanos.

O filósofo que enxergou a *Música* como a mais bela das artes, intitulado-a por sublime, foi Schopenhauer e esse deu a ela destaque em seu livro *Mundo Como Vontade e Representação* no livro III.

Unindo pressupostos espirituais e *transcendentais*, imprimiu uma visão única da *Metafísica* pela *Vontade*, não sendo ela algo impossível de ser estudado, de modo que deu sentido diferente à *Coisa em Si* kantiana e ao *Mundo das Ideias* platônicas.

Ele postula que tudo o que vemos e sentimos no *Mundo Sensível* é originário da *Vontade*, e o sensível é a *Representação* dessa *Vontade*, sendo o corpo intermediário desses "dois mundos", e o próprio corpo também sendo a *Representação* da *Vontade*.

Pois o mundo é absolutamente *Representação*, e precisa, enquanto tal, do sujeito que conhece como sustentáculo de sua existência. Sim, toda aquela longa série temporal, cheia de inumeráveis mudanças, mediante as quais a matéria ascendeu de forma a forma até a existência do primeiro animal cognoscente, toda essa longa série, ela mesma, só pode ser pensada unicamente na identidade de uma consciência. (SCHOPENHAUER, 2005, pág. 75)

A *Música* encaixa-se na *Vontade Pura*, ou seja, a *Ideia* é uma subordinação da própria *Vontade* e a *Música* não apresenta uma *Representação* estática, mas uma *Representação* abstrata e multiforme, relacionada à ideia do ouvinte.

O caráter íntimo da *Música*, faz com que o ouvinte vislumbre cenários para além das *Representações* da sua realidade consciente no instante momento.

Essa capacidade de fantasiar a realidade, desprende o sujeito do sofrimento, e em outros casos o faz rememorar sofrimentos e tensões causadas pela vida, pois segundo Schopenhauer, '*viver é sofrer!*'

Schopenhauer postula que as artes são a suspensão do sofrimento pela contemplação, porém, a *Música* é uma espécie de "agente vivo", que integra a *Vontade* do sujeito e ela é em suma, *Metafísica*.

Como a experiência do som é algo pessoal e intransferível, somente o sujeito ouvinte pode dar sentido à *Música* e sua intensidade.

Do nosso ponto de vista, ao considerarmos o efeito estético da *Música*, temos de reconhecer-lhe uma significação muito mais séria e profunda, referida à essência íntima do mundo e de nós mesmos. (SCHOPENHAUER, 2005, pág. 337)

Seguindo conceitos schopenhauerano, Freud entende que todo o sentimento é íntimo, ele não pode ser sentido pela *Vontade* de outra pessoa, e somente o indivíduo consegue compreender seu *EU*, e aquilo que é representacional e único em cada ser humano.

Enfim, a *Música* proporciona ao seu ouvinte sua própria interpretação, assim como todas as artes, porém, ela está ligada diretamente com o sujeito, sem a necessidade de sua *Representação*.

Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso *Eu*. Este *Eu* nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o *Eu* na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente... (FREUD, 2010. Pág.16)

Leibniz coloca a *Música* como exemplo de contemplação prazerosa, e cita sua multiplicidade enquanto arte representacional dos afectos do sentimento, independente da sua estrutura sistemática de acordes e etc.

O exemplo da *Música* é, aliás, bem esclarecedor: o prazer que dela decorre depende das regras da composição, da constituição dos acordes, etc., que a sensação não reconhece distintamente, mas que sente; e é precisamente porque sente a multiplicidade constituída dessa forma que sente prazer. (LEIBNIZ. 2016. Pag. 213)

3.1. A VONTADE

O que Schopenhauer quer dizer ao se referir a essa expressão, *VONTADE*, qual é seu significado em termos?

Kant distingue *Fenômeno* como sendo coisas sensíveis e que podemos conhecer e *Coisa em Si* como essência, sendo algo fora do alcance desconhecimento. Mas Schopenhauer foi o filósofo que decifrou de um modo mais intuitivo através do corpo, entendendo que a *Vontade* do ser humano é superior à de animais, pois não é puramente um instinto, e sim uma consciência.

A *Vontade* é um conceito que se torna cosmológico, ela é a essência íntima de absolutamente tudo, ela é a própria ontologia de tudo.

Contudo, ele mesmo se enraíza neste mundo, encontra-se nele como INDIVÍDUO, isto é, seu conhecimento, sustentáculo condicionante do mundo inteiro como *Representação*, é no todo intermediado por um corpo, cujas afecções, como se mostrou, são para o entendimento o ponto de partida da intuição do mundo. (SCHOPENHAUER, 2005, pág. 156)

Segundo Schopenhauer, mundo só pode existir se tiver seres conscientes de sua existência, ou seja, a consciência é a *Representação* da própria *Vontade*, em sendo assim, a

Vontade é quem dá ao mundo sua existência e *Representação* sensível. Pois um animal, por mais que tenha uma *Vontade*, limitada ao seu instinto, ele jamais fará uma reflexão sobre existência, porém o homem, através do corpo faz tais indagações.

Segundo Schopenhauer, a realidade ontológica está disponível apenas para seres consciente da existencia e ...Com isso tem de assumir que seu corpo é o único indivíduo real no mundo, o único *Fenômeno* da *Vontade*, o único objeto imediato do sujeito. (SCHOPENHAUER, 2005, pág. 161)

3.2 A REPRESENTAÇÃO

A *Representação* é a realidade composta de sujeito-objeto.

O sujeito percebe o mundo através dos seus sentidos, ele sendo a própria *Representação* da *Vontade* e ao mesmo tempo sendo intercessor entre a *Vontade* e a *Representação*.

A *Representação* é uma espécie de "lente", que possibilita a conexão entre sujeito e objeto, porém esses objetos só podem ter sentido se observados pelos humanos, pois são eles o sustentáculo de tal existência.

Aquele que tudo conhece, mas não é conhecido por ninguém é o SUJEITO. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universal e sempre pressuposta de tudo o que aparece, de todo objeto, pois tudo o que existe, existe para o sujeito. (SCHOPENHAUER, 2005, pág. 45)

Schopenhauer afirma no início do livro que a representação exige menos abstração para compreender a sua filosofia, pois ela é algo já explicado por Kant com sua noção de *Fenómenos*.

A única coisa de que aqui será feita abstração [...] é unicamente a *Vontade* que constitui o outro lado do mundo: num primeiro ponto de vista, com efeito, este mundo apenas existe absolutamente como *Representação*; noutro ponto de vista ele apenas existe como *Vontade*. (SCHOPENHAUER, 2005, pág. 11)

3.3 A INFLUÊNCIA DE SCHOPENHAUER NAS OBRAS DE RICHARD WAGNER

Filosofia e *Música* em uma arte foi o que Wagner desenvolveu em suas obras, e o termo alemão *Gesamtkunstwerk*, (Obra de Arte Total), conceito que inclui, música, teatro, canto, dança e artes plásticas, em uma única obra de arte (ópera), era sua marca.

O salto na sua carreira se deu após ter acesso à filosofia de Schopenhauer, onde suas obras e composições tiveram total evidência.

O drama e a tragédia eram a tônica de sua obra mais exaltada, e dentro deste contexto a própria vida do compositor foi acometida por dramas, e uma delas foi o escândalo de sua separação, por conta de sua infidelidade.

Wagner havia enviado rolos com o esboço da sua obra *Tristão e Isolda*, e dentro dos rolos estava uma carta para Mathilde, e foi quando sua esposa Minna interceptou o funcionário e viu a carta, inicia-se ali um drama pessoal onde culmina com a separação de sua esposa.

Em meio a seu drama pessoal, Wagner concluí *Tristão e Isolda* sendo a primeira ópera inspirada na filosofia de Schopenhauer, onde a *Metafísica* da morte e do amor, a *Música* protagonizando sua obra e sendo absoluta e harmoniosa em forma de *leitmotiv* wagneriana, completava sua esplendorosa arte. Onde o, ...objetivo da tragédia é inclinar-nos à resignação, à renúncia da vontade de viver... (SCHOPENHAUER. 2005, pág.65)

A filosofia *schopenhaueriana*, impulsionou Wagner e sua obra como o verdadeiro drama, digno do *pessimismo* intitulado a Schopenhauer, elevando suas obras e o deixando entre os principais compositores de sua época.

O primeiro acorde de *Tristão*, conhecido simplesmente como 'o acorde de *Tristão*', continua a ser o mais famoso e único acorde na história da *Música*. Ele contém dentro de si não uma, mas duas dissonâncias, criando na audição um duplo desejo agonizante em sua intensidade para a resolução. O acorde que se desloca para resolução de uma dissonância, mas não de outra, deste modo, provendo uma resolução ainda não-resolução. E assim a *Música* prossegue: em cada mudança de acorde algo está resolvido, mas não tudo; cada discórdia é resolvida em busca de uma maneira em que outra discórdia seja preservada ou criada uma nova, assim o fez cada momento no ouvido musical, está parcialmente satisfeito e ao mesmo tempo frustrado. E isso acarreta ao longo de toda noite. Apenas em um ponto tudo é discórdia resolvida, e está no acorde final da obra; e claro, é o fim de tudo os caracteres e o nosso envolvimento, o trabalho e nossa experiência com eles, tudo. O resto é silêncio. (MAGEE, 2000, pág. 208-209).

3.4 HIERARQUIA DAS ARTES

Schopenhauer criou uma hierarquia das artes: de a mais baixa expressão artística, porém exuberante em suas formas, está a arquitetura que busca lutar contra as intempéries do tempo e leis da física.

Para Schopenhauer a jardinagem estava em um nível de maior elevação que a arquitetura, pois dispunha do mundo vegetal como sua forma e constituição, suas cores naturais e sua inteiração com demais seres vivos a fazia um grau maior que a arquitetura.

A pintura, e essa pintura a qual refere-se Schopenhauer é a realista, sobe mais uma casa, porém ela mesma tem suas subdivisões, ou seja, a pintura de paisagem pode estar mais equiparada, ou mais próxima, da jardinagem, a pintura de animais está em grau superior que a paisagem e a pintura humana a mais celebrada.

A escultura também está em uma perspectiva realista, e assim como a pintura está subdividida em escultura de animais, em grau baixo e escultura humana, em grau alto, a preocupação do autor está na perfeição das formas e em sua simetria.

Segundo Schopenhauer a poesia estava em grau elevado, sendo ela o maior grau das artes por se tratar de uma manifestação dinâmica e não estática, dando ao mundo uma profusão muito maior que as outras artes, porém a mais sublime de todas as artes é a *Música*, pois está em forma de *Vontade Pura*.

A *Música*, está acima de todas as artes, pois ela é a forma mais pura de arte, a forma consonante e dissonante, sem forma física, porém ativa em *Representação* sensorial, ligada diretamente a alma do ouvinte, a própria *Vontade* traduzida em notas musicais.

Da analogia com as demais artes podemos concluir que a *Música*, de certa maneira, tem de estar para o mundo como a exposição para o exposto, a cópia para o modelo, pois seu efeito é no todo semelhante ao das outras artes, apenas mais vigoroso, mais rápido, mais necessário e infalível. (SCHOPENHAUER, 2005, pág. 337)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Música* foi o alvo de todo o artigo, em uma visão *schopenhaueriana* das afecções que a *Música* causa.

Foi percorrido um caminho longo, Platão até Kant, passando por Freud, e culminando no principal autor que é Schopenhauer, para conclusão de algo que parece ser intuitivo, sensível, porém faltava uma definição teórica sobre a música e sua ligação direta com o sujeito afectado por ela.

Todas as artes trazem uma pedagogia ao sujeito, porém a música é sublimação, traz a possibilidade de aflorar a sensibilidade e a percepção do mundo.

Nessa viagem ao mundo metafísico de Schopenhauer, em específico ao objeto não representado por forma, mas por sentimento, está localizada a *Música*. A mesma que faz sorrir, faz chorar, a mesma que acalma, pode desencadear fúria, a mesma que ajuda na meditação pode atrapalhar na concentração ela é fusa e difusa, consonante e dissonante, sem palavras diz tudo que as palavras não poderiam corresponder.

A *Música* tem sua multiformidade, pois está em um plano metafísico, pois não se apregoa a formas rígidas, nem se amolda uma interpretação, pois está viva e em constante mudança.

A *Música* é o próprio *Movimento da Vontade*, movimento esse que é condutor imagético ao ouvinte, onde suas fantasias estão materializadas em sua mente.

Enfim, a *Música* era considerada para os gregos a *Arte das Musas*, algo divino, algo que somente um plano mais elevado poderia dispor de tal criação e entregar ao ser humano como preenchimento da falta existencial e que cessasse a angústia da qual acomete a raça humana.

BIBLIOGRAFIA

- 1) **BARBOZA** Jair; **A Metafísica do Belo**, Edição 1ª, São Paulo - SP - Brasil Editora Humanitas FFLCH/USP, 2001
- 2) **FREUD**, Sigmund; **O Mal-estar na Civilização, Novas Conferências 88** **Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**, Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- 3) **KANT** Immanuel; **Crítica da Razão Pura**, Edição 5ª, Av. de Berna – Lisboa – Portugal Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001
- 4) **LEIBNIZ**. Gottfried Wilhelm; **Novo Sistema da Natureza e da Comunicação das Substâncias, Bem como da União que há entre a Alma e o Corpo. Princípios da Natureza e da Graça Fundados sobre a Razão**, Coleção: QVODLIBET 2 1ª edição: Julho de 2016
- 5) **MAGEE**, Bryan; **The Tristan Chord-Wagner and Philosophy**, London. Penguin Press. 2000.
- 6) **NIETZSCHE** Friedrich; **Crepúsculo dos Idolos**, Edição 2ª, São Paulo-SP – Brasil Editora Companhia das Letras, 2009
- 7) **PLATÃO**; **A República**, Edição 1ª, São Paulo - SP - Brasil Editora Rideel, 2005
- 8) **REALE**, Giovanni; **Historia da Filosofia**, Filosofia Pagã v.1 Edição 3ª, São Paulo - SP - Brasil Editora Paulus, 2007
- 9) **SCHOPENHAUER**. Arthur; **A Vontade do Amor**, LIVRARIA EXPOSIÇÃO DO LIVRO S.A 2005

10) **SCHOPENHAUER** Arthur; **O Mundo Como Vontade e Representação**, Edição 2^a, São Paulo-SP - Brasil Editora Fundação Editora da UNESP, 2005

11) **STEWART**, R. J; **Música e Psique**, Editora CultriX. São Paulo-SP 1987

4 PARECER ASSINADO DO/A ORIENTADOR/A

Assinatura do/a orientador/a